

19 NOV 1994

GLOBO

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



O cronograma de FH

Fernando Henrique tem três datas previstas para dizer à Nação o que pretende fazer. Na primeira, em dia ainda não escolhido de dezembro, fará o seu discurso de despedida do Senado, voltado para os políticos, analisando as reformas institucionais. A segunda, na tarde de 1º de janeiro, será o discurso de posse, dirigido aos seus 34 milhões de eleitores e ao povo em geral. Finalmente, a 15 de fevereiro enviará ao novo Congresso a mensagem propondo as reformas constitucionais que tiver acertado com as lideranças dos partidos que apóiam o Governo.

No meio tempo, intensas sessões de corte e costura. Quinta-feira, 24, dia consagrado a Santa Flora, haverá alguma troca de mimos florais e muita competição velada na primeira reunião formal com os presidentes e líderes parlamentares de PSDB, PFL, PTB, PL e PP. Vão discutir os programas prioritários e o perfil das pessoas capazes de levá-los adiante. Os dois maiores partidos da coligação, PSDB e PFL, não terão maiores dificuldades para oferecer nomes, de vez que dispõem de quadros experientes e de boa reputação moral. O mesmo acontece com o PMDB que, até lá, talvez já tenha o seu lugar à mesa. Já o PTB enfrentará maiores embaraços. Um dirigente tucano desafiou o senador José Eduardo, presidente do partido, a encontrar, no prazo de dez horas, um nome, além do seu próprio, que fosse capaz e honesto. Não consta que tenha recebido resposta.

O vice-presidente Marco Maciel já exerce, de fato, funções de coordenador político. A sua tarefa, até o fim do ano, é fazer aprovar o projeto de Rita Camata que limita a 60% da arrecadação as despesas com pessoal dos estados e outro, do próprio Fernando Henrique, que altera as regras para as concessões de serviços públicos. Imagina-se que, transformado em lei, esse projeto permita avançar depressa com a privatização das usinas hidroelétricas cuja construção está paralisada por falta de dinheiro. Se der, vota-se ainda a lei das patentes, cuja aprovação eliminaria um item do contencioso entre Brasil e Estados Unidos.

Sergio Mota, secretário do PSDB e íntimo amigo de

Fernando Henrique, acha que já estão maduras as decisões sobre o conteúdo da reforma do Estado. A Presidência será reforçada mas, ao mesmo tempo, o Palácio do Planalto terá o seu pessoal reduzido. Haverá núcleos de coordenação e controle presidencial em relação aos ministérios, mas os ministros deverão ter a capacidade de decidir por conta própria os assuntos das suas pastas.

— É preciso acabar com essa história de ministros que vão a Washington pedir dinheiro ao Banco Interamericano ou ao Banco Mundial sem conhecer os processos que já estão em andamento e sem comunicar os seus planos ao ministro da Fazenda — diz ele. — Por outro lado, também é preciso acabar com a paralisia de algumas pastas, cujos ministros transferem as suas decisões para o presidente da República. O Fernando Henrique, que já ouviu muito, já está chegando ao momento das escolhas. Embora não tenha feito convites específicos a ninguém, até gosta quando a imprensa comenta as possibilidades de homens como José Serra e Ciro Gomes ocuparem o Ministério da Educação ou o da Saúde. São nomes que sinalizam o gabarito que deseja para os seus ministros.

Enquanto não tomar posse, Fernando Henrique tratará dos assuntos partidários na nova sede do PSDB, no edifício da Confederação Nacional dos Transportadores (CNT) em Brasília. Foi lá que, quinta-feira, fez as declarações à imprensa. Um dos projetos já em andamento do seu grupo é transformar o PSDB num partido com vida permanente, não apenas eleitoral. Os dois milhões de reais que sobraram da campanha estão sendo usados para isso. O partido está sendo informatizado, criou-se um banco de dados que chega ao nível municipal e até mesmo as passagens do presidente eleito para a Europa e os países do Mercosul saíram do fundo partidário. Santo Bresser Pereira, tesoureiro da campanha. Esta é a primeira vez em que sobras de campanha são devolvidas ao partido, em vez de serem embolsadas pelo candidato e pelos arrecadadores. PC Farias, nunca mais. Já é uma mudança importante.